

## EXPLORANDO NARRATIVAS CRIANCEIRAS DA *DESMEMÓRIA*

Carolina Clasen<sup>1</sup> e Eduardo Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

*Criançar* a capacidade simbólica de narrar a cidade é a estratégia de reflexão deste artigo sobre a paisagem urbana contemporânea. A partir de diálogos com a *desmemória*, processo vinculado ao diagnóstico da demência senil no envelhecimento, a exploração das narrativas dá ênfase à constituição do cotidiano da população em envelhecimento e suas contribuições para uma agenda urbana comunitária, afetiva e criancieira. Percorrendo as intensidades de diferentes marcos temporais de uma narradora idosa, os procedimentos da cartografia afetiva, conciliados com as discussões do envelhecimento em contextos urbanos, auxiliam a investigação.

Palavras-chave: cartografia afetiva, narrativas, infâncias urbanas.

## EXPLORING CHILD NARRATIVES FROM *DISMEMORY*

### Abstract

To child the symbolic capacity to narrate the city is the strategy of reflection on the contemporary urban landscape. Based on dialogues with *desmemória*, a process linked to the diagnosis of senile dementia in aging, the exploration of the narratives emphasizes the constitution of the daily life of the aging population and their contributions to a community, affective and childlike urban agenda. Going through the intensities of different time frames of the elderly narrator, the affective cartography procedures help the investigation reconciled to the discussions of aging in urban contexts.

Keywords: affective cartography, narratives, urban childhoods.

*Eu trabalhei. Trabalhei. Trabalhei. Trabalhei. Trabalhei...* O ponto de partida para esta reflexão teórica é um diálogo-lembrança com os territórios afetivos vividos durante a infância pela Irma<sup>3</sup>, idosa nascida em 1916, em uma localidade ao leste da cidade de Pelotas<sup>4</sup>. Tais territórios, experienciados ainda no século XX, foram reativados pelo embrulho cronológico fruto da demência senil. Isso provocou uma série de questionamentos acerca da paisagem urbana, do sentido de lugar e do acesso dos idosos a uma rede de afetos; o que gerou reflexões que visam contribuir para o bem-estar da população em questão a partir dos devires da infância.

A demência senil é um diagnóstico amplo, que abrange peculiaridades da população em envelhecimento cujas corporalidades manifestam, principalmente, distúrbios do comportamento e, em decorrência disso, imobilidade (GORZONI; PIRES, 2006). Esse recorte populacional exige atenção permanente e assistência. Diante disso, parece necessário reconhecer quais são as experiências e os territórios afetivos formadores dessas pessoas, a fim de reiterar afetos. A reflexão buscou sobrepor as intensidades afetivas de diferentes marcos temporais da experiência da Irma, ilustrando alguns sintomas da síndrome demencial e potências criancieiras a partir das narrativas dela.

Possíveis ilustrações dos territórios narrados podem ser vistas na Figura 1 e na Figura 2. A geografia da cidade de Pelotas representada na Figura 1 mostra um corte com marcação especial apontando para os arroios que formam a paisagem. A Figura 2 elucida implicações dos processos cartográficos frente ao desenvolvimento da doença de Alzheimer, na capacidade da demência senil de apagamento. Por isso, a cartografia afetiva da *desmemória* é apresentada junto com a reflexão desenvolvida neste texto.

*Eu vivia tão bem, nossa casinha era linda, linda, linda. De barro e de material, tinha fruta e não tinha rua. Hoje às cinco, tu pode me levar pra minha casa? A retomada do ambiente da casa pelo pé de laranja-do-céu e pela fluidez dos fluxos, que não eram delimitados por vias e faziam parte de um contexto de urbanização de meados dos anos 1920. Mesmo estando na mesma casa em que vive há mais de cinquenta anos, Irma pede permissão para se deslocar até a residência de sua infância ao entardecer, antes que a escuridão chegue.*

Sob o diagnóstico da demência, cabem depressão, psicose ou delírio em 40% a 90% dos casos (GORZONI; PIRES, 2006); as reações dos tutores estão atreladas fundamentalmente à busca pela prescrição de psicofármacos com o objetivo de inibir tais distúrbios. Com o devido cuidado e respeito aos estudos no campo da saúde mental e da gerontologia, o breve relato dos principais diagnósticos e suas motivações foi feito com o objetivo de exibir os distúrbios a partir de uma perspectiva menos normativa.

Também comprometida com a socialização crítica da população asilada, esta reflexão se interessa em corroborar a vocação da infância em consolidar o desenvolvimento do corpo em seus porvires. A partir da capacidade extemporânea ocasionada pelo Alzheimer, jogar com o passado-futuro e com o horizonte de improváveis anacrônicos oportuniza reconstituir uma cognição criancieira que ressignifica seu entorno. Uma das estratégias utilizadas durante os encontros da Cartografia Afetiva da *Desmemória* foi desmoralizar a brincadeira para produzir novos cotidianos correlatos às paisagens urbanas vividas, permitindo que os territórios afetivos fossem ativados nas narrativas.

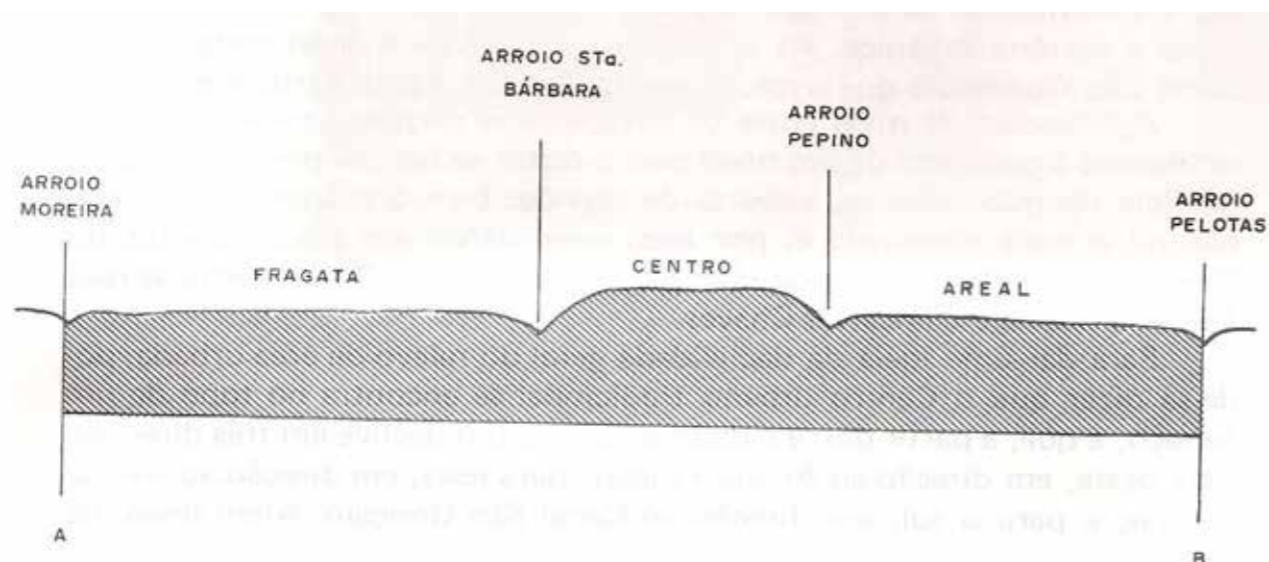
<sup>3</sup> Nome referência modificado, como estratégia desmemorável.

<sup>4</sup> Pelos Atos Municipais n.os 312, de 27-08-1893, e 345, de 15-08-1905, foram criados os distritos de Areal, Buena, Capão do Leão e Retiro e anexados ao município de Pelotas. Esses distritos são, atualmente, bairros conurbados à evolução urbana da cidade. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/historico>>. Acessado em 10 de março de 2020.

<sup>1</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2018), na Linha de Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas. Com Licenciatura em Artes Visuais obtida pela mesma instituição (2014) e Especialização em andamento em Planejamento e Gestão das Cidades (PECE-POLI-USP); tem interesse por investigações sobre as Infâncias Contemporâneas e suas intersecções diante dos conceitos de Direito à Cidade, Cotidiano e Experiência.

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista, Especialista em Patrimônio Cultural, Mestre em Educação, Doutor em Arquitetura. Professor Associado na FAUrb/UFPel e PROGRAU.

Figura 1 – Ilustração da topografia da cidade de Pelotas; Fonte: ROSA (1985).



Estudos da sociologia urbana, da psicologia, do direito e da saúde discutem ambientes urbanos capazes de acolher outra temporalidade do corpo, considerando movimentos menos ágeis nos deslocamentos demarcados por cotidianos da população envelhecida. Relacionada a tais ponderações, sobrevém a pergunta: como conviver com modos de pensar que sobrepõem temporalidades? Ou seja, é possível produzir ambientes urbanos acolhedores para subjetividades delirantes?

### Um acervo de esquecimentos

*Eu não consigo me lembrar, eu não consigo lembrar. Que coisa estranha, como não consigo (...) não lembro como era...onde era...* Com olhos e mãos apertadas, ela divide a angústia da certeza que viveu, mas não alcança a experiência naquele instante. Uma das qualidades modernas das nossas experiências é amputar-nos de narrá-las. O que é este acervo de esquecimentos senão um arquivo produzido por um corpo demarcado de *trabalho, trabalho, trabalho* que, por ventura, não lembra se havia uma feira no bairro da infância?

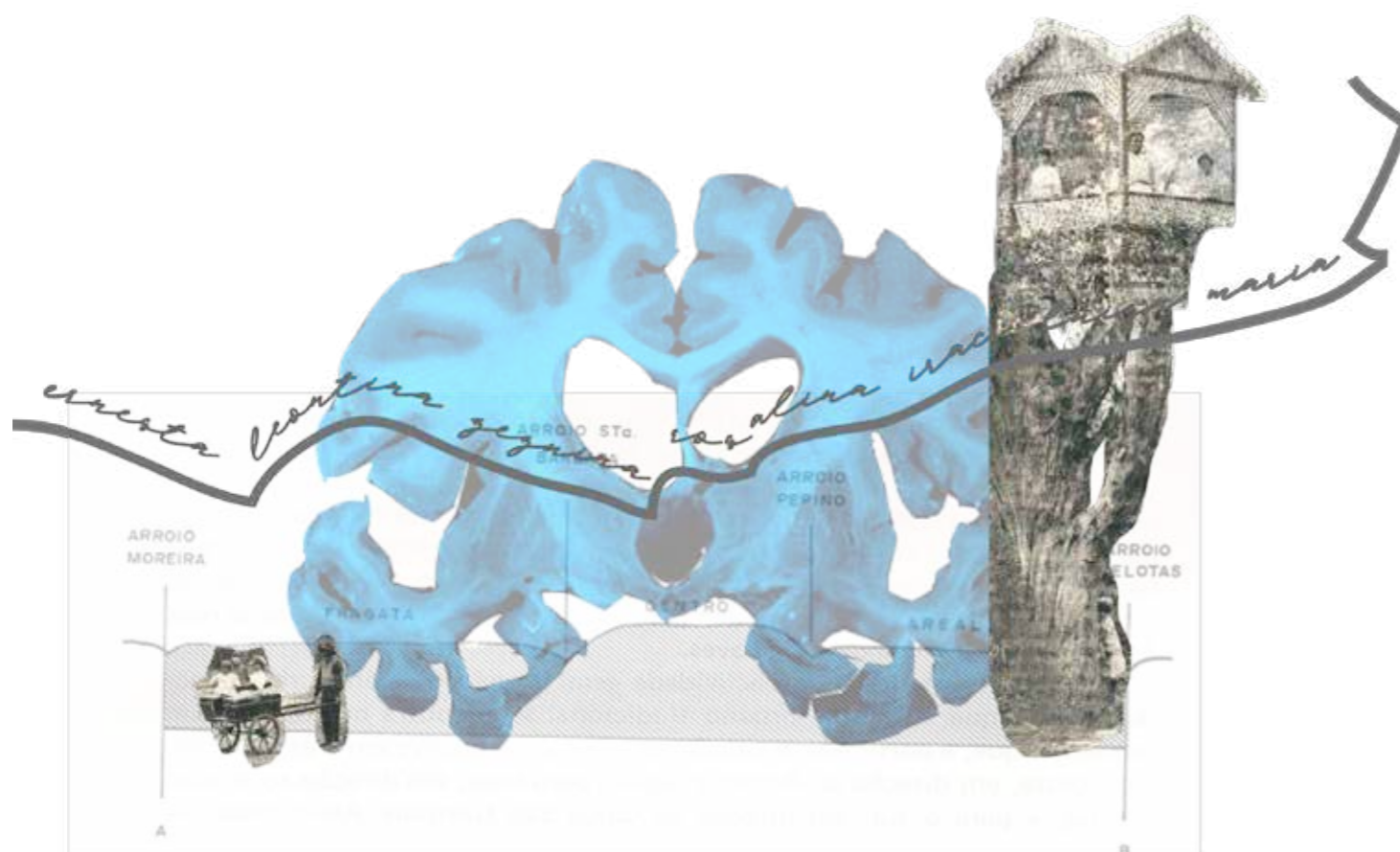
Destituindo a capacidade do corpo de experienciar a vida, o Alzheimer não ocorre como apagamento, senão como consolidação da incapacidade de intercambiar experiências. Assim, é possível traçar um paralelo desta cartografia com as caracterizações que Walter Benjamin dá ao narrador, quando o divide em dois grupos que têm como referência personagens da vida pública e literária: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Quando o primeiro opera um campo de forças das tradições e o segundo negocia com o acaso (BENJAMIN, 1986, pg. 17), o tempo suspenso da desmemorização coloca em jogo geografia e história, espaço e tempo. A tentativa de incorporar as paisagens narradas à experimentação do ouvinte apreende o espaço extemporâneo não sem impregnar ele próprio [o espaço] de vida antiga, de memória. Esta habilidade não é interessante para a financeirização do espaço; ainda em Benjamin:

A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. (...) Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1986, pg. 19).

As nuances da memória produzem novos territórios, cenas poucas vezes revisitadas perdem certa materialidade. No outro sentido, as narrativas criancieiras, dadas às pulsões de vida e inúmeras partilhas compreendidas ao longo da vida, viabilizam um caminho definido. Em vista disso, a produção subjetiva da infância, potente e criadora, é minada de condições limítrofes e dóceis. Durante a senilidade, o distúrbio da nudez encarna o corpo que foi sendo vestido e investido de consumo. Daí a necessidade de apostar na oitiva da população em envelhecimento, fazendo jus às máximas de "aprender com os mais velhos" ou "escutar a criança interior", buscando compreender lugares produzidos pelo sentido de uma criança envelhecida, não de uma velha *infanti* (AGAMBEN, 2005). Emudecer as populações em envelhecimento, encurtando seus trajetos cotidianos e tomadas de decisão, nos embrutece. A interlocução intergeracional é capaz de frutificar subjetividades, sobretudo, contemporâneas, quando:

"subjetividade" [...] designação escolhida como que para salvar nossa parte de espiritualidade. Por que subjetividade, se não para descer ao fundo do sujeito sem perder o privilégio que este encarna,

Figura 2 – Collage Cartografia Afetiva da Desmemória; Fonte: Autora (2020).



essa presença privada que o corpo, meu corpo sensível, me faz viver como minha? Mas se a pretendida “subjetividade” é o outro no lugar de mim, ela não é subjetiva nem objetiva, o outro é sem interioridade, o anônimo é seu nome, o fora seu pensamento [...] (BLANCHOT apud PELBART, 2000).

Redefinindo o indefinido, a subjetividade toma a consequência de narrativas que exploram a experiência no ensejo dos devires crianceiros. As narrativas crianceiras percorridas pela *desmemória* se apoiam em experiências que extrapolam o presente, muito embora também estejam impregnadas da presença no agora.

#### Anotações:

As interlocuções com a *desmemória* ocorreram primeiramente no recorte do envelhecimento. Acompanhando os pesquisadores em *Projetando lugares com os idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento*<sup>5</sup>, as reuniões de mapeamento incitaram uma série de questionamentos acerca da capacidade de resignificação do lugar a partir da ética, situação também encontrada em pesquisas com crianças e lugares urbanos (CLASEN; ROCHA, 2018). Posteriormente aos encontros marcados pela agenda da pesquisa, os territórios foram retomados em função dos percursos que Irma narrou durante as conversações que embasaram esta cartografia. Diante disso, foram delineadas questões acerca da paisagem urbana simbólica constituída na infância e da capacidade sensível de retomar tais experiências durante o envelhecimento. Além das implicações do diagnóstico aqui descrito, o local dos encontros também foi marcado pelas memórias crianceiras da Carolina, uma das autoras deste trabalho. Dessa forma, foi composto um território crianceiro comum a ambas, Irma e Carolina, partindo de rememorações para investigação dos afetos que extrapolaram nossa temporalidade, para reconfigurar nosso acordo em uma infância comum. Uma posição ética de narradora e ouvinte foi capaz de orientar encontros investindo na criança como instituinte do fluxo de pensamento, muito embora as duas não fossem mais parte dessas condições etárias. O momento em que esta cartografia captura gestos desmemoráveis é também imbuído de uma busca fotográfica, a fim de sobrepor esboços, listras e estrias. O percurso da velha casa à casa da velha foi um primeiro registro, para depois dar nome aos afetos, atentar para os esquecimentos, preencher brancuras.

A constância dos encontros permitiu vasculhar a experiência da narradora pela repetição. Se a informação aniquila o ato de narrar (BENJAMIN, 1986), aqui foram traçadas forçosamente narrativas extraordinárias e “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1986, p. 28). E, a partir daí, é que a narrativa passa a ter dimensão utilitária; porque permite redimensionar uma maneira de conduzir a vida em geral. Assim, a insurgência crianceira destas conversas é capaz de relacionar a política do espaço e os modos de vida que operam a urbanidade, a partir de imagens produzidas não sem a realidade, mas ainda mais ocupadas com a dimensão do provável.

Desdobrada no entrelaçamento do presente histórico vivido do agora e um passado específico – o agora da recognoscibilidade – e num momento de despertar provocado pela experiência do lugar, a

<sup>5</sup> A pesquisa *PlaceAge* atualmente é constituída por dois projetos financiados pelo ESRC. Entre os países envolvidos, estão o Reino Unido, o Brasil e a Índia. Um dos projetos da pesquisa, intitulado *Projetando lugares com os idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento*, tem como foco explorar como os idosos enfrentam o envelhecimento em diferentes contextos urbanos, sociais e culturais. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/placeageproject/>>. Acesso em 23 de abril de 2020.

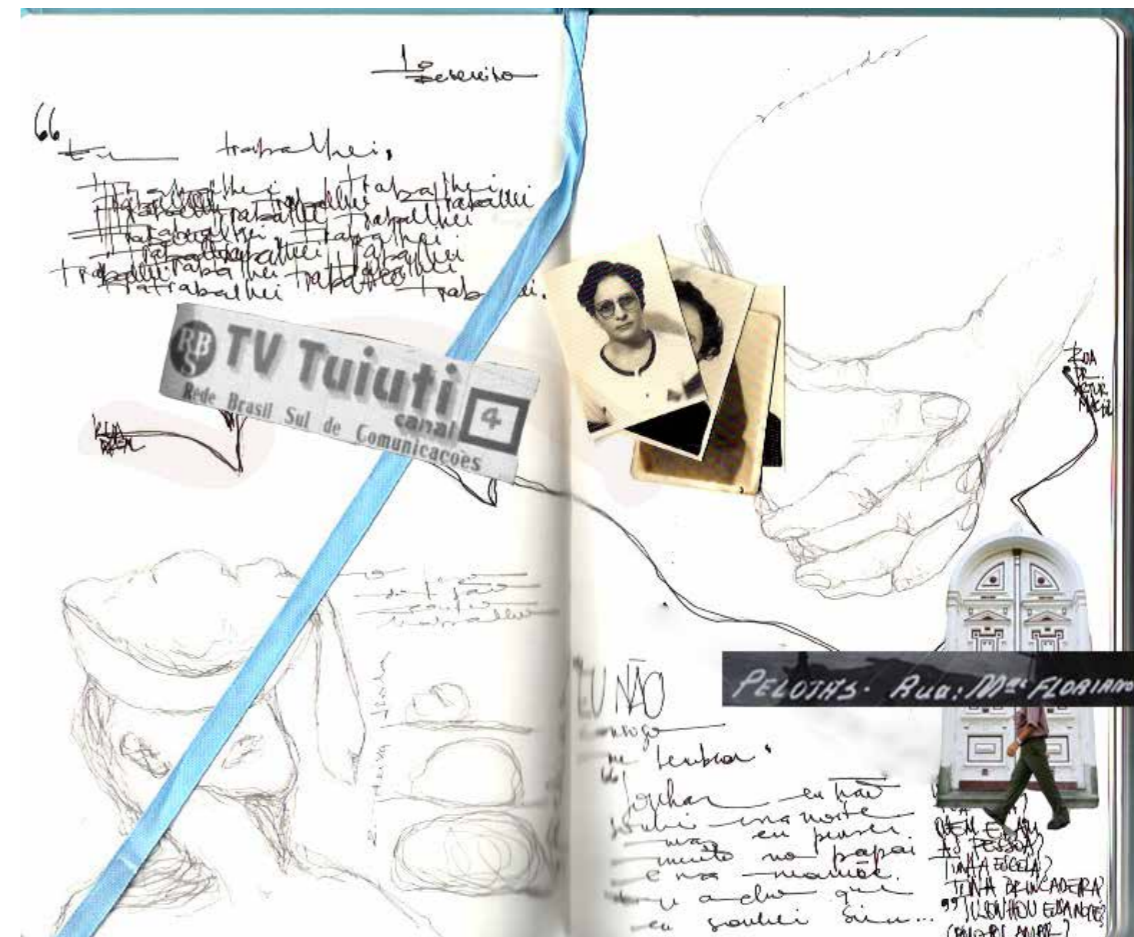
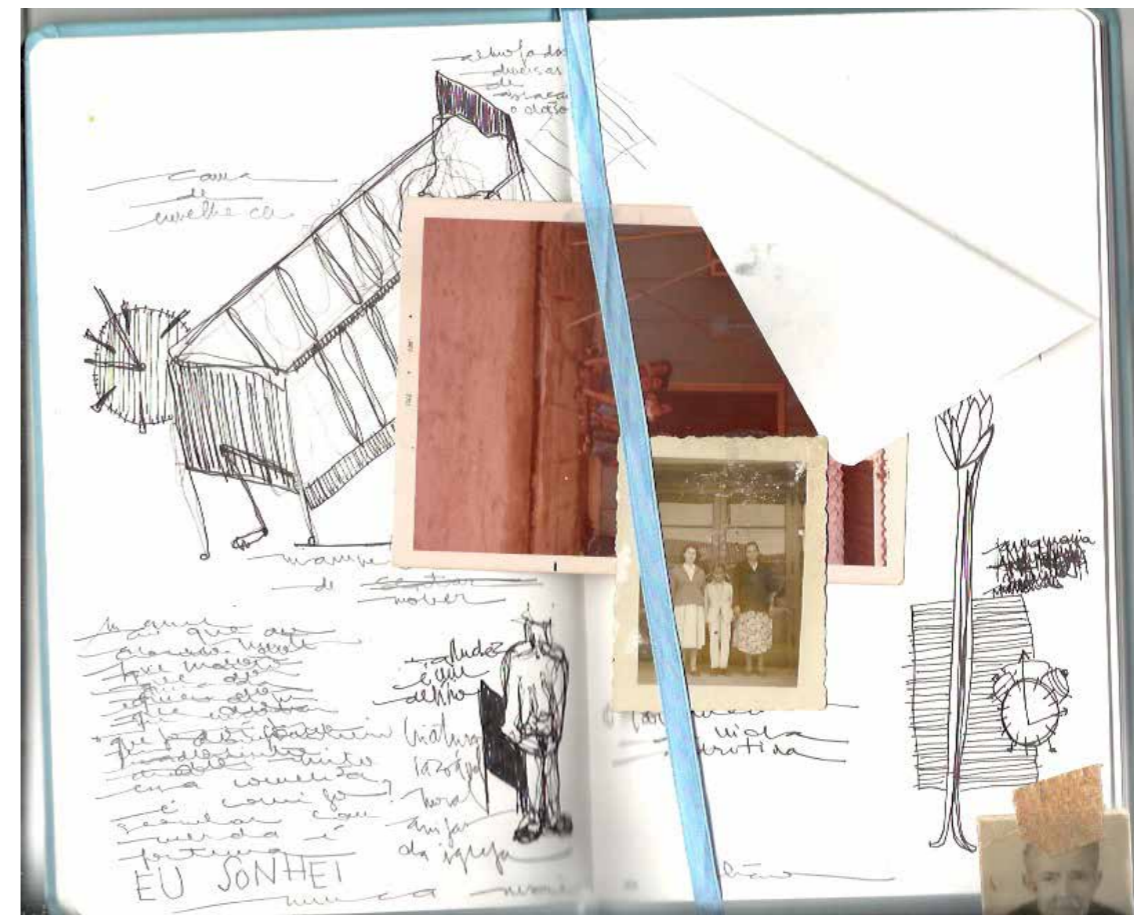


Figura 3 e 4 – Cadernos da Brancura; Cartografia Afetiva da Desmemória; Fonte: Autora (2020).

imagem urbana é imagem dialética, responsável por iluminar outros acontecimentos de lutas, por retirar da invisibilidade outras práticas de resistência, subjetividades e contracondutas (VELLOSO, 2019).

A habilidade de atingir a amplitude, característica diferenciante da narração e da informação segundo Benjamin, reafirma a necessidade da interlocução não apenas no plano da sentença, da ordenação, do palavreio, da pregação. Mas o que o envelhecimento interposto pela *desmemória* crianciera tem aptidão para exigir da cidade é a sua condição comunitária, não apenas administrativa. A exemplo disso, pode ser exposto o relato do mapeamento participativo em Edimburgo, na Revista *PlaceAge*, quando da identificação de que “o espírito comunitário está desaparecendo e as pessoas agora vivem vidas ocupadas” (PLACEAGE, 2019).

Parece imprescindível refletir sobre o sentido de lugar. Para isso, a exemplo da discussão teórica construída por Deleuze na obra *A Lógica do Sentido*<sup>6</sup>, “O não senso e o sentido acabam com sua relação de oposição dinâmica, para entrar na co-presença de uma gênese estática, como não-senso da superfície e sentido que desliza sobre ela” (DELEUZE, 2000 apud FUÃO, 2004). Na mesma publicação, intitulada *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?*<sup>7</sup> (2004), Fernando Fuão estabelece outra interlocução: “para os surrealistas o sentido ou o significado da imagem e das coisas brota do encontro, isto é, não existe sozinho como fato ou coisa isolado, brota da conjunção de duas ou mais partes.” (FUÃO, 2004). O apontamento sobre a produção de sentido desenvolvida pelos autores, é feito na articulação incisiva do sentido e da experiência do espaço. Quando o espaço reivindica o eu em sua dimensão corporal:

O espaço não é, como crê a maioria dos arquitetos, uma realidade rígida e válida para todos. Ele em si é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas, e, principalmente, com os pontos de vistas. Não existe um espaço objetivo e autônomo do ser humano. Existem diferentes maneiras de perceber e compreender esse espaço ‘bruto’, lá fora, sem significação, a espera de minha chegada (FUÃO, 2004).

#### Para não esquecer de...

A interposição atemporal dos territórios afetivos permitiu comparar referências do entorno da casa e do cotidiano de trabalho através de um anacronismo incompatível com a realidade contemporânea, mas potencialmente impulsionador de novas perguntas. Essas interrogações questionaram não apenas as noções de trabalho e doutrina religiosa, mas também o roteiro predefinido das pulsões de vida que intimam rotinas a cumprir desejos sociais. Poderíamos pensar espaços coletivos acolhedores, delirantes e criancieiros? Pela prudência e pela segurança da vida pública, parece que são necessárias delimitações funcionais produzindo espaços que atribuam atividades pré-definidas e deformadoras das experiências. Os dois bairros em questão carecem de espaços acolhedores das corporalidades envelhecidas e criancieiras, são orientados por vias rápidas e se alinham a uma administração preocupada em ampliar a produtividade urbana. Embora a Duque de Caxias e a Domingos de Almeida, avenidas principais do Fragata e do Areal respectivamente, incluam ciclovias e espaços para

6 DELEUZE, Gilles. *A Lógica dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

7 FUÃO, Fernando Freitas. *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>.

atividades físicas ao ar livre, a baixa recorrência de diferentes grupos etários nesses lugares reafirma o encarceramento de crianças e idosos.

Durante os encontros, nossas desmemoráveis conversas nos levaram a refletir sobre a quantidade de longevos noticiados em anúncios de procura<sup>8</sup> e o quão recorrente tem sido esquecer o caminho de volta pra casa. Irma relata que, diante do desabamento da casa ao lado da sua e da construção de um banco, que desencadeou a derrubada de outras três casas próximas, *só não podem tirar a igreja daí, senão eu perdia a vizinhança toda e não voltava pra casa (...) isso no tempo que eu andava*. Mantem-se ativas as reivindicações por uma ambiência urbana coletiva e, sobretudo, comunitária – na qual o sentimento de pertencimento é capaz de engendrar territórios. Com isso, coube às narrativas criancieiras o manifesto pela delirante capacidade de esquecer. Esquecer a roupa e o café. Esquecer a teoria, mas não a poesia. Chegar à cozinha e esquecer o que havia ido buscar, esquecer que não gostava de combinar laranja com roxo. Esquecer o remédio e o nome do marido; chamar o filho de neto. Esquecer o entorno não mais como manejo da memória, mas para ser capaz de ativar paisagens criancieiras.

#### Referências

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b. (Obras Escolhidas, v. 1).

CLASEN, C. M.; ROCHA, E. *Deslocamentos entre o ‘direito à cidade’ e a urbanidade contemporânea: crianças e suas corporalidades*. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017, São Paulo. *Desenvolvimento, Crise e Resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional*, 2017. v. 27.

DELEUZE, Gilles. *A Lógica dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FUÃO, Fernando Freitas. *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>.

GORZONI, Milton Luiz; PIRES, Sueli Luciano. *Aspectos clínicos da demência senil em instituições asilares*. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 18-23, 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832006000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 16 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000100003>.

PELBART, Peter Pál. *A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

PLACEAGE. *Newsletter*. Volume1, n.2, 2018. Portuguese. Published on Oct 8, 2019. Disponível em < [https://issuu.com/placeage/docs/newsletter\\_volume1\\_n2\\_2018](https://issuu.com/placeage/docs/newsletter_volume1_n2_2018)> Acessado 20 abril de 2020.

8 Segundo dados da 4ª Delegacia de Investigação de Pessoas Desaparecidas, existe o registro de aproximadamente 80 desaparecimentos mensais de pessoas com idade acima de 65 anos. Lapsos de memória e desorientação decorrente da neuro-degeneração são os principais motivos.

ROSA, M. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: Ed.UFPel, 1985.

VELLOSO, R. *O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço, segundo Walter Benjamin*. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, 335 p. ISBN 978-85-232-2032-7. <https://doi.org/10.7476/9788523220327>.